Universidade Severino Sombra

Monografia

2008

A Perversão em Freud e Lacan

Neila Corrêa Bastos

neila.psi@hotmail.com

Turma IV de Psicologia / USS

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema é baseada no meu interesse pela psicanálise, que envolve uma escuta singular do sujeito, ou seja, do sujeito do desejo. O tema será desenvolvido a partir da teoria psicanalítica, com base em Freud e Lacan.

O objetivo deste trabalho é o de desenvolver o conceito de perversão, fundamental em teoria psicanalítica, já que este termo é muito citado, mas geralmente pouco compreendido e, por vezes, mal interpretado.

No presente trabalho, escrevo sobre as peculiaridades do sujeito perverso, traçando uma trajetória teórica sobre a constituição do sujeito até o estabelecimento da estrutura clínica denominada perversão. É pertinente também desmitificar o rótulo geralmente utilizado no senso comum de que perverso seja sinônimo de “pervertido”, pois este termo nada tem a ver com a complexidade do termo “perverso” em Psicanálise.

A sexualidade nunca se desliga completamente de sua origem. A sexualidade infantil está diretamente relacionada às pulsões parciais, o que caracteriza a criança como um perverso polimorfo, esse é um momento de constituição psíquica comum aos sujeitos de estruturas diferentes de acordo com Lacan, ou seja, neurótico, psicótico e perverso, e não necessariamente perversos. Quando o sujeito começa a se desenvolver subjetivamente, as pulsões parciais funcionam como um prazer preliminar. (SAMICO, 2008b)

Para Freud (2002), em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, a perversão surge, no adulto, quando o indivíduo ainda focaliza objetos ou partes do corpo como única forma de investimento libidinal. Há patologia quando o fetiche se constrói a partir da história do sujeito e há a fixação extrema em um determinado objeto para se obter prazer. O fetiche não funciona como complementar à obtenção de prazer, e sim é indispensável para que exista prazer sexual. Essas colocações serão mais detalhadas no desenvolvimento deste trabalho.

Geralmente, o perverso não reconhece sua “condição” subjetiva como um problema, e não procura análise, pois suas peculiaridades, não o angustiam. O fetiche surge em análise, de uma forma secundária à queixa inicial apresentada pelo analisando.

Segundo a teoria freudiana (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001), existe perversão, de forma geral, quando o prazer é obtido visando outros objetos sexuais, por outras partes corporais e/ou quando o prazer depende de um fator extrínseco. Estas possibilidades podem proporcionar o prazer sexual. A perversão é o comportamento psicossexual que segue alguns “parâmetros” atípicos, considerados moralmente desviantes, pois não vão ao encontro ao que é observado como “natural e habitual” numa sociedade.

A partir desta definição, enfocarei uma das condições extrínsecas que subordinam o orgasmo, que é a necessidade, quase sempre presente, de o perverso necessitar do fetiche para obtenção de prazer. A teoria psicanalítica articulada à prática tem contribuído muito para o entendimento dessa estrutura e a possibilidade de uma intervenção clínica. Para isso é necessário um estudo mais detalhado do processo de constituição psíquica do sujeito e para um possível entendimento sobre suas escolhas inconscientes.

Em relação à perversão, destaque deste trabalho, pode-se pensar que:

[...] a passagem para a plena organização genital supõe, para Freud, que o complexo de Édipo tenha sido ultrapassado, o complexo de castração assumido, a interdição do incesto aceita. As últimas pesquisas de Freud sobre a perversão mostram, aliás, como o fetichismo está ligado à “recusa” da castração. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 343).

Posteriormente, nos capítulos subseqüentes, será enfatizada a clínica da perversão de forma detalhada, demonstrando suas peculiaridades.

A metodologia utilizada no presente trabalho é baseada em revisão teórica, através de fontes bibliográficas. A revisão teórica será fundamentada em pesquisas ligadas a alguns autores que fazem referência às obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan.

No primeiro capítulo, discutirei sobre o nascimento da psicanálise a partir do abandono da teoria da sedução e a fantasia como realidade psíquica em Freud. O segundo e o terceiro capítulos serão destinados ao enfoque do Complexo de Édipo para Freud e o Complexo de Édipo segundo Lacan. O quarto capítulo demonstrará outras peculiaridades do sujeito perverso. No quinto capítulo, será enfocada a questão da possibilidade analítica para o perverso. E, finalmente, o sexto capítulo será ilustrativo, onde serão descritas algumas características de um perverso em particular: Marquês de Sade.

CAPÍTULO I

O CONCEITO DE FANTASIA E A PSICANÁLISE

Freud (2002), nas cartas que escreve a Fliess, observou em seu estudo com as histéricas, que todas mencionavam terem vivenciado relações pervertidas com seus pais. Acreditando ser impossível que todos os pais, sem exceção, as tenham cometido, Freud percebe que há a existência de uma fantasia, criada pelo sujeito, para vivenciar sua realidade psíquica. Assim, na carta 69:

Confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica [...] diante do fato de que, em todos os casos, o pai [...] tinha de ser apontado como pervertido — a constatação da inesperada freqüência da histeria, na qual o mesmo fator determinante é invariavelmente estabelecido, embora, afinal, uma dimensão tão difundida da perversão em relação às crianças não seja muito provável (FREUD, 2002)

A partir de então, começa a elaborar o conceito de fantasia, abandonando a teoria da sedução, demonstrando o nascimento da psicanálise como sendo a história do sujeito construída através da fantasia e a descoberta do inconsciente atrelada ao conceito de pulsão. Entende-se por pulsão, um processo dinâmico que movimenta o organismo em direção a algum objetivo.

Dessa forma, o que interessa ao analista é a realidade psíquica, ou seja, a verdade do sujeito permeada pela fantasia. Ainda na carta 69, Freud enfatiza que:

[...] no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto. (Assim, permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema). (FREUD, 2002)

Nos rascunhos L e M, de Freud à Fliess, há o desenvolvimento do que seria a fantasia, onde:

[...] as fantasias são fachadas psíquicas construídas com a finalidade de obstruir o caminho para essas lembranças. As fantasias servem, ao mesmo tempo, à tendência de aprimorar as lembranças, de sublimá-las. São feitas de coisas que são ouvidas e posteriormente utilizadas; assim, combinam coisas que foram experimentadas e coisas que foram ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e dos ancestrais) e coisas que a própria pessoa viu [...] As fantasias originam-se de uma combinação inconsciente, e conforme determinadas tendências, de coisas experimentadas e ouvidas. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual emergiram ou poderiam emergir os sintomas. (FREUD, 2002)

Dessa forma, é fundamental descrever o conceito de fantasia no presente capítulo, entendendo que a teoria da sedução é uma “cena real ou fantasística em que o sujeito (geralmente uma criança) sofre passivamente da parte de outro (a maioria das vezes um adulto) propostas ou manobras sexuais.” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p.469).

A fantasia seria, para Freud, a articulação entre o inconsciente e a pulsão, e para Lacan, seria uma “espécie de matriz psíquica que funciona mediatizando o encontro do sujeito com o real. Ela é uma matriz simbólico-imaginária que permite ao sujeito fazer face ao real do gozo” (JORGE, 2006, p.32).

É fundamental lembrar que o que Freud determina ser pulsão de morte, Lacan chama de gozo. “Alguma coisa acontece que nos permite lidar de uma forma diferente com esse alvo da pulsão de morte: o gozo. Essa alguma coisa se chama fantasia” (JORGE, 2006, p.32).

Além disso, a fantasia se situa como o prosseguimento, no adulto, do papel desempenhado pelo brincar na criança, e há uma autonomia do fantasiar em relação à realidade do sujeito. (JORGE, 2007).

Assim, é fundamental fazer algumas colocações acerca do conceito de fantasia na clínica da perversão.

Na neurose, há a fantasia de completude amorosa, ficando o neurótico, fixado no pólo inconsciente da fantasia. Já na perversão, há a mesma entrada da fantasia, mas a fixação se dá no pólo de completude de gozo, onde o perverso busca resgatar a completude perdida através do gozo. (JORGE, 2006).

Dessa maneira,

Ao ter acesso ao pulsional e ao gozo, e deixando de se fixar no pólo do amor, o neurótico terá acesso ao desejo. No perverso é o contrário. Porque, quando se tem acesso ao amor e ao gozo, tem-se perda de amor e perda de gozo e [...] desejo é [...] a dimensão da falta de amor e da falta de gozo. (JORGE, 2006, p. 34)

Considera-se, ainda, que o ponto nuclear da fantasia perversa seja a operação de dessubjetivação, onde o que se encontra presente na base da relação intersubjetiva sustentando a perversão, é a anulação do desejo do outro ou do sujeito. (JORGE, 2007).

Para outros esclarecimentos:

Há certa transformação que se opera na fantasia, de modo a produzir a fantasia perversa, cuja [...] relação intersubjetiva está perdida e, logo, tudo o que é significação. Mantidos sem a relação intersubjetiva, assim como esvaziados de seu sujeito, os significantes da situação são objetivados – por exemplo, no fetiche. Será essa objetivação dos significantes a responsável, na perversão, pela prevalência da imagem e da dimensão imaginária. (JORGE, 2007, p.43)

Mas o que importa na travessia da fantasia estrutural (de constituição do sujeito), é que o sujeito tenha acesso à dimensão do desejo, inscrito enquanto falta.

Unindo as três estruturas clínicas no que se refere à fantasia, pode-se pensar que:

[...] enquanto na psicose, como Lacan ponderou de maneira precisa, há “uma espécie de falha” no que concerne à realização do amor, na neurose ele surge de forma direta, e na perversão, de modo encoberto pelas fantasias de espancamento em que o gozo é a dominante. (JORGE, 2007, p.50)

A partir do esclarecimento de alguns pontos teóricos que abordam a fantasia para a psicanálise e a sua função nas diferentes estruturas, podemos então possibilitar a compreensão de outros momentos fundamentais na teoria psicanalítica construída por Freud como o conceito de Complexo de Édipo, que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

O COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD

Devido à importância do complexo de Édipo, em relação à estruturação da personalidade e desejo humanos, no decorrer do processo de constituição do sujeito, é fundamental sua descrição minuciosa, pois dele dependem alguns outros aspectos relevantes em psicanálise. Sabe-se que o sujeito para a psicanálise, é o sujeito do inconsciente e que o Complexo de Édipo, é o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001).

Mas antes de desenvolver esse tópico, é importante expor uma citação que deixa clara a distinção entre as inversões e perversões propriamente ditas.

[...] uma distinção entre as inversões e as perversões [...] tem seu fundamento na plasticidade do mecanismo pulsional e em sua aptidão a se prestar a “desvios” em relação ao fim e ao objeto das pulsões. As inversões corresponderiam a desvios concernindo ao objeto da pulsão, enquanto que as perversões remeteriam a um desvio quanto ao fim. (DOR, 1991, p.33)

Freud descobriu que, no inconsciente, se manifestavam fantasias de incesto e de ciúmes em relação aos genitores. Assim, foi feita uma analogia entre essas fantasias e a lenda do Édipo, em que este mata o pai e casa-se com a mãe, chegando-se ao termo “complexo de Édipo”. Este, é universal, e funciona de maneira diferente em meninas e meninos, embora o primeiro passo definido para a fase edipiana seja o mesmo em ambos os sexos. (*apud* BRENNER, 1987).

O desenvolvimento do complexo de Édipo tem seu ponto de partida na noção de atribuição fálica da mãe. Esta atribuição do falo tem, com efeito, sua origem em torno da questão da diferença dos sexos que é, de saída, para a criança, uma questão enigmática. (DOR, 1991, p.34)

Assim, em todo sujeito, encontram-se movimentos que se assemelham à perversão. “As perversões não são nem bestialidades, nem a degeneração, na acepção patética do termo [...] elas estão contidas na predisposição sexual não diferenciada da criança” (VALAS, 1990, p.19)

No menino, há temor pela perda de seu pênis, já que observa ser possível essa castração. Mas o menino também é incitado por uma raiva ciumenta em relação à mãe, por ela ter rejeitado seu desejo de exclusividade na relação, e isto desperta o desejo de ser amado pelo pai. Já na menina, o desejo de personificar o homem junto à mãe, não se fundamenta no medo da castração, já que ela não tem o pênis. Por isto, sente-se fracassada e surge a inveja do pênis unida à raiva contra a mãe. Assim, ela volta-se para o pai como principal objeto de amor, e quando este desejo também é frustrado, ela retorna ao seu apego à mãe. Menino e menina “encontram” a solução de reprimir suas fantasias e desejos edipianos. (BRENNER, 1987).

A atribuição fálica é a concepção de alguma coisa que deveria ter estado lá e que é, portanto, vivida como falta. Por esta razão, o objeto fálico é um objeto estritamente imaginário. [...] em Freud, a questão da castração está, de roldão, irredutivelmente ligada à dimensão imaginária do falo, e não à dimensão do órgão: o pênis ou a ausência de pênis (*apud* DOR, 1991, p.35)

Desta forma, “o complexo de Édipo é visto como um conjunto ou uma estrutura ideativa que vai sinalizar a conduta da criança como, por exemplo, nas suas futuras escolhas de objeto” (GARCIA-ROZA, 2005, p. 218).

Tanto a atividade masturbatória, que constitui a atividade sexual da criança durante este período, quanto as fantasias, substituem a expressão direta dos impulsos sexuais e agressivos que a criança vivencia em relação aos pais. (BRENNER, 1987).

É importante mencionar que o superego tem uma relação com o complexo de Édipo, onde ocorrem identificações com aspectos paternos. Ou seja, o superego é o herdeiro das relações de objeto edipianas. Assim,

[...] como a criança na fase edipiana temia ser castrada pelo genitor, e reprimia ou repudiava seus desejos edipianos para evitar esse perigo, assim também a criança ou o adulto, no período pós-edipiano, teme inconscientemente as imagens introjetadas dos pais, isto é, seu superego, e para evitar o perigo de desagrada-los controla os impulsos do id. (BRENNER, 1987, p. 132).

Freud, assim, faz uma distinção entre a histeria, a paranóia e a perversão, onde:

[...] a histeria (como sua variante, a neurose obsessiva) é alo-erótica, e está ligada a uma identificação com a pessoa amada. A paranóia se caracteriza por um impulso auto-erótico e um retorno a uma situação da infância, pela ruptura das identificações e despedaçamento do eu. A perversão é determinada por um impulso auto-erótico e um retorno à “loucura original”. As relações entre auto-erotismo e eu primitivo a esclareceriam. (VALAS, 1990, p.18).

A perversão, então, estaria ligada a uma interrupção do desenvolvimento do aparelho psíquico, sendo apresentada como uma regressão.

Freud localizou a perversão na constituição normal do sujeito, mas a caracteriza como um desvio sexual. Assim, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, Freud relata que “é instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas [...]” (FREUD, 2002).

Por disposição perversa polimorfa, entende-se uma característica presente em todas as crianças sem distinção, onde há tendências perversas, que podem ser ou não recalcadas. (VALAS, 1990).

Freud mostra como as pulsões parciais se constituem na criança pela erotização das funções da necessidade (apoio do desejo na necessidade). O despertar das zonas erógenas para o prazer está ligado a múltiplas atividades, pelas quais se expressam as primeiras manifestações sexuais na criança (VALAS, 1990, p.33).

Assim, a sexualidade infantil apóia-se numa função fisiológica essencial à necessidade, é auto-erótica e o seu objetivo é determinado pela zona erógena correspondente à pulsão parcial, na procura da repetição de uma satisfação já obtida. (VALAS, 1990).

Freud enfatiza que a criança, através da sedução, pode se tornar um perverso-polimorfo e ser levada a transgressões, estando predisposta a isso, já que não está submetida à influência da civilização, conservando esta disposição. (VALAS, 1990).

Acreditando ter deixado clara a questão do complexo de Édipo como interferindo no processo de desenvolvimento psicossexual da criança, assim como uma “idéia” de Freud sobre o que seria a perversão, serão descritas no quarto capítulo, as peculiaridades que envolvem o sujeito dito perverso.

Após essas colocações, acredito ser fundamental fazer um paralelo entre as considerações lacanianas acerca do Complexo de Édipo.

CAPÍTULO III

O COMPLEXO DE ÉDIPO EM LACAN

No presente capítulo, será enfocada a vivência do sujeito em relação ao Complexo de Édipo do ponto de vista lacaniano, fundamental e determinante para o estabelecimento de uma estrutura clínica.

Lacan nomeia três estruturas clínicas em psicanálise: psicose, perversão e neurose. A estrutura é efeito de linguagem e a definição da estrutura enfoca a vivência do sujeito frente à castração e funciona como um parâmetro para o analista. (SAMICO, 2008b).

Independente da estrutura clínica, o Nome-do-Pai, que é o segundo representante do Outro, interdita o incesto e o pai priva a mãe de algo que não tem: o falo como significante da significação do desejo da mãe. É a mãe que traz para a relação mãe-bebê-falo, a figura paterna. Esta, funciona como concorrente fálico e exerce sua função simbólica ao provar para o bebê que a mãe é faltosa, desejando algo que não é da ordem do bebê. Assim, se inscreve a primeira lei, que funda todas as demais, interditando a mãe ao filho. (DOR,1991). Assim,

De fato, a criança [...] atormenta-se com o mutismo materno sobre a questão do desejo concernente ao pai. Mesmo se na cumplicidade erótica que a mãe divide com a criança, esta última se certifica da ausência da mediação paterna com respeito ao desejo da mãe, o pai não deixa de aparecer aí como um intruso. [...] se a mãe nada confirma à criança de seu desejo pelo pai, ela igualmente não se subtrai à possibilidade. [...] faz com que frequentemente subsista um perturbador equívoco sobre o lugar do pai em seu desejo. (DOR, 1991, p.51-52)

É fundamental lembrar que o Complexo de Édipo é dividido em três tempos por Lacan, por uma questão didática, pois sabe-se que o tempo é do inconsciente.

No primeiro tempo do complexo de Édipo, a relação entre mãe e bebê é dual e simbiótica, não sabendo o bebê e nem a mãe, delimitar aonde quem começa e termina. Se há falha na operação do Nome-do-Pai (NdP), este significante é foracluído e a relação mãe-bebê segue dual. O Nome-do-Pai é da ordem da lei e regula todo o caminho pulsional do bebê, assim como o desejo. É o Nome-do-Pai que vai ligar também, o real, o simbólico e o imaginário. Sem este enodoamento, necessário à estruturação do sujeito, este cai na psicose, ou seja, não há amarração possível dos três registros e o real torna-se absoluto. (SAMICO, 2008b). *melhorar o parágrafo*

Neste tempo, o bebê ocupa lugar de falo para a mãe. A mãe precisa demonstrar ao bebê que é desejante e faltosa, que desempenha também o papel de mulher, e isto será feito a partir do momento em que ela mostrar desejar algo que não seja somente o bebê. Isto possibilita que o bebê se torne desejante e não objeto de desejo da mãe. Sendo assim, se não há falta desta mãe para o bebê, instala-se a psicose. O psicótico vive sempre repetindo esta relação dual que tinha com a mãe, sempre se sujeitando ao Outro enquanto objeto. É ficado numa posição de objeto e é excluído da lógica fálica (LACET, 2004).

O surto do psicótico, quando acontece, tem dois passos: a perplexidade, que é marcada por alucinações, e a convicção, que “defende” o delírio psicótico. Para explicar a alucinação, o psicótico recorre ao delírio (SAMICO, 2008b).

Para Lacan, o sujeito é barrado, porque sempre haverá uma falta. Na psicose, o sujeito não é barrado, pois é dono de sua linguagem, onde o discurso do inconsciente está presente. O sujeito é “falado” pelo Outro. Além disso, ele não vivencia a falta, não se tornando ser desejante e estando na posição de objeto de desejo (*apud* DOR, 1991).

No Seminário 3 – As Psicoses, de 1992, Lacan enfatiza que, em um possível tratamento, “um delírio deve ser julgado em primeiro lugar como um campo de significação que organizou um certo significante” (LACAN, 1992).

Antes de destacar o segundo tempo do Complexo de Édipo, que marca o tema do presente capítulo, será mencionado o terceiro tempo, que marca a neurose.

A neurose, estabelecida no terceiro tempo do Complexo de Édipo, abrange a histeria e a neurose obsessiva. Nesta estrutura, há o mecanismo de recalque, onde os significantes são integrados ao inconsciente via simbólico. E como na psicose, aquilo que foi foracluído retorna pela via imaginária, na neurose, o recalcado retorna ao mesmo lugar em que foi recalcado (LACET, 2004).

É em função dos amores edipianos que se constitui a entrada de uma estrutura psíquica.

Na histeria, há a identificação com a incompletude da mãe e alienação ao desejo do Outro. Está presente um caráter de sacrifício, onde há o desejo de tornar-se objeto ideal do Outro, sendo este, promessa de completude (SAMICO, 2008b).

Assim, a histérica deseja ter o falo, pois se identifica com a demanda da mãe que está relacionada com a completude fálica. *melhorar parágrafo*

Na neurose obsessiva, o obsessivo se identifica com a imago paterna, tentando ser suplência para a mãe, já que o pai não consegue dar conta da falta materna (SAMICO, 2008b).

Então, aposta-se na incompletude da mãe, considerando que há uma suplência possível. O obsessivo, mesmo na condição de desejante, quer estar na posição de desejado, pois quer ser o falo. Ele coloca o outro em uma posição de sujeito morto para o desejo, querendo ser o solucionador deste. A aposta é ser um representante fálico (DOR, 1991).

Enfim, a posição feminina frente ao falo é a de não tê-lo, mas espera algo receber, enquanto que a posição masculina é a de igualmente não tê-lo, porém tem-se algo a dar (NOGUEIRA, 2006).

Após serem mencionados o primeiro e terceiro tempos do Édipo em alguns autores lacanianos, enfocar-se-á o segundo tempo do Complexo de Édipo, que insere a perversão, o tema proposto deste trabalho.

O que permite que chamemos a perversão de “estrutura” é a possibilidade de reduzirmos a perversão a elementos mínimos estruturantes e relacionados entre si. (SAMICO, 2008b).

No segundo tempo do Complexo de Édipo, quando o bebê insiste que a mãe é fálica e, por identificação, acredita que ele também é, está instalada a perversão. O perverso recusa a castração e depois recalca esta recusa (denegação), cuja lembrança encobridora é a última imagem da mãe fálica, para esconder a angústia. Assim, o perverso recusa qualquer simbolização da falta materna, já que a mãe se mostra como ser desejante, portanto, faltosa, e aí surge o fetiche como símbolo de um “drible” sobre a castração. (SAMICO, 2008a).

Essa relação entre o perverso e a mãe, fica melhor descrita no seguinte parágrafo:

[...] o perverso imagina a mãe toda-poderosa do lado do desejo, isto é, não carente. A crença imaginária nessa mãe não-carente implica na neutralização do pai simbólico enquanto representante da função paterna. Dito de outro modo, o pai não é suposto ter o que a mãe deseja. Consequentemente, o perverso pode continuar a sustentar o fantasma de ser o único objeto de desejo que faz a mãe gozar (DOR, 1991, p.50)

Portanto, o sujeito perverso, acredita não precisar desejar, já que pensa ser completo. Coloca-se como objeto de gozo do Outro e coloca o outro apenas como facilitador de seu gozo. E por acreditar ter o falo, o perverso tem o comportamento de desafio e transgressão perante a lei. (DOR, 1991).

[...] o perverso fará intervir a lei do seu desejo, ou seja, como única lei do desejo que ele reconhece, e não como um desejo que estaria fundado na lei do desejo do outro, que é, inauguralmente, a lei do pai. É sempre deste ponto de vista que se deve compreender que o pai “faz a lei” para a mãe e a criança. Permanentemente, o perverso esforçar-se-á para então desafiar essa lei do pai, com tudo aquilo que ela impõe enquanto falta a simbolizar (castração). Desafiando esta lei, ele recusa, em definitivo, que a lei do seu desejo seja submetida à lei do desejo do outro. O perverso põe, então, em ação duas opções: de um lado, a predominância da lei do seu desejo como única lei possível do desejo; por outro lado, o desconhecimento da lei do desejo do outro como a que viria mediar o desejo de cada um. Todo gozo perverso se constitui nesse espaço entre os dois. (DOR, 1991, p.48)

“É, pois, a partir do que falta no simbólico, que toma lugar a perversão: graças ao objeto pequeno *a*, complementar ou suplementar o Outro para sua plenitude”. (JULIEN, 2002, p.129).

Como este capítulo enfoca a questão do Complexo de Édipo através da visão de autores sobre a dinâmica lacaniana, foi realizado um “esboço” do surgimento da perversão, mas as peculiaridades do sujeito perverso serão descritas minuciosamente no capítulo subseqüente.

CAPÍTULO IV

PECULIARIDADES DO SUJEITO PERVERSO

O enfoque deste capítulo será sobre o contexto amplo da perversão, a partir de Freud e Lacan, os dois principais teóricos em psicanálise sobre este conceito.

Assim, serão enfocadas as questões peculiares do perverso de forma clara, coerente e contextualizada teoricamente, iniciando pelo enfoque lacaniano e posteriormente, pelo freudiano.

Mas anteriormente a isto, penso ser fundamental citar um conceito que exemplifica a perversão.

A definição [...] da perversão é: ela é a abolição da diferença, a abolição do desejo do Outro [...] abolição daquilo que entra com toda força na intersubjetividade amorosa [...] a perversão é a primeira saída de fato, o primeiro corte, mas ainda com a manutenção de um traço que é forte na psicose: o gozo. Isso se inscreve [...] pela presentificação do objeto a, do objeto mais-gozar. (JORGE, 2006, p.34-35)

Segundo Lacan, o perverso necessita, muitas vezes, de um fetiche para a obtenção de prazer, já que não consegue simbolizar a angústia provocada, pela falta. A construção do fetiche “serve” para dar conta do que é da ordem do real. E essa construção é feita por deslocamento. Trata-se de uma formação defensiva inconsciente. O fetiche serve para “tamponar” a castração, que é angustiante. Esta, é admitida e recusada pelo perverso que, depois, recalca esta recusa. O perverso recusa qualquer simbolização da falta materna, já que a mãe se mostra como ser desejante, portanto, faltosa. (*apud* DOR, 1991).

O perverso não quer se haver com seu desejo. Para tanto, ele acredita ser completo. E, assim, ele se coloca como objeto de gozo do Outro, e coloca o outro (as pessoas) apenas como instrumentos facilitadores de seu gozo. Ele acredita ter o falo e, por isto, tem o comportamento de desafio perante a lei, já que ele acredita ser mais do que a lei. Mas ele precisa da lei, para poder desafiá-la. E é neste constante desafio e comportamento transgressor, provocando angústia inesperada no outro, que faz surgir seu gozo. (JULIEN, 2002). *melhorar parágrafo*

É interessante mencionar que o perverso busca sempre o mais-gozar, relacionado a um gozo fantasístico impossível de ser alcançado. Além disso, é fundamental entender que, a cisão do eu, instaurada pela recusa, fundamentaria uma labilidade argumentativa, onde o perverso diz e desdiz qualquer coisa que lhe poupe angústia na situação em que estiver envolvido, sem compromisso com o que mencionou. (SAMICO, 2008a). *melhorar parágrafo*

Lacan, de acordo com Julien (2002), vai a partir do fetiche, apresentar a estrutura de toda a perversão, ao mostrar a dupla função do véu e da cortina. Assim,

O véu é a um só tempo o que esconde e o que designa. Na perversão, trata-se, para o sujeito, de esconder a falta fálica da mãe, embora designe com a ajuda do véu, a figura daquilo de que há falta [...] O véu esconde o nada que está para além do Objeto enquanto desejo do Outro: a mãe não tem o falo. Mas, ao mesmo tempo e mesmo assim, o véu é o lugar onde se projeta a imagem fixa do falo simbólico: a mãe tem o falo. (JULIEN, 2002, p.111-112)

Segundo Lacan, a projeção da imagem fálica que esconde o Nada é o que o sujeito coloca diante dele, e isto determina algumas perversões como: fetichismo, masoquismo, voyeurismo e homossexualidade feminina. Mas o fetiche pode ser colocado atrás do véu, onde o sujeito se identifique com a mãe, e isto também determina perversões como: transvestismo, sadismo, exibicionismo e homossexualidade masculina. (*apud* JULIEN, 2002).

Assim, “todo gozo fálico é perverso, isto é, estabelece relação sexual graças ao Outro, completo“. (JULIEN, 2002, p.129).

Além das perversões supracitadas, existem outras como a pedofilia e a zoofilia, mas que não estão em destaque neste trabalho.

Como não é o objetivo deste trabalho descrever sobre cada “tipo” de perversão, ficarei restrita a estas colocações, explorando, posteriormente, apenas o sadismo, tema do último capítulo.

Após descrever as peculiaridades do perverso, de acordo com a visão lacaniana, mencionarei algumas questões freudianas ao enfocar o tema da perversão.

Para Freud, “as perversões são o resultado de distúrbios (ligados a múltiplos fatores) do desenvolvimento individual [...] todo desvio da pulsão sexual quanto ao objeto e quanto ao fim, caracteriza uma perversão”. (VALAS, 1990, p.39).

Então, segundo Freud, “a disposição à perversão é a disposição geral, original da pulsão sexual, só se tornando normal em razão de modificações orgânicas e inibições psíquicas sobrevindas durante o seu desenvolvimento”. (*apud* VALAS, 1990, p.39).

Para o melhor entendimento destas colocações:

Da infância à puberdade, e depois à idade adulta, a instauração difásica da sexualidade se dá mediante um desenvolvimento muito complexo, até atingir a sexualidade adulta, caracterizada por Freud pelo reencontro e escolha de um objeto sexual diferente da primeira escolha de objeto incestuoso. Durante essa evolução, sob a influência de modificações orgânicas (maturação do corpo) e inibições psíquicas que foram reforçadas no período de latência (repugnância, pudor, vergonha), as tendências à polaridade perversa se submetem à supremacia da zona genital (primado do falo). (*apud* VALAS, 1990, p.39)

Ainda sobre este assunto, é interessante mencionar que:

[...] os psiconeuróticos são todos seres de tendências perversas fortemente desenvolvidas, mas recalcadas e tornadas inacessíveis no decorrer de sua evolução. Seus fantasmas inconscientes apresentam, em conseqüência, o mesmo conteúdo das ações autênticas dos perversos (FREUD *apud* VALAS, 1990, p.20)

Isto nos remete à famosa frase de Freud, onde ele determina que as psiconeuroses são o negativo das perversões.

Outras questões sobre a perversão serão agora consideradas, demonstrando o processo fetichista e as peculiaridades desta estrutura.

O que qualificamos de perverso na vida adulta se desvia do estado normal pelas seguintes particularidades: desconhecimento de barreiras específicas (do abismo que separa o homem do animal), da barreira oposta pelo sentimento de repulsa, da barreira pelo incesto (isto é, pela proibição de buscar satisfazer as necessidades sexuais com pessoas às quais se está ligado por laços consangüíneos), homossexualidade e, por fim, transferência do papel genital para outras partes e órgãos do corpo. (FREUD *apud* VALAS, 1990, p.67-68)

Dessa forma, Freud distingue dois grupos de perversões:

As perversões centradas sobre a execução normal ou desviante do ato sexual total. São aquelas [...] dos homossexuais [...] e aquelas cujos sujeitos não riscaram a diferença sexual de seu programa [...] esses sujeitos são aqueles que desviam os órgãos sexuais de suas funções naturais: coprófilos etc – aqueles que renunciaram aos órgãos genitais como objeto de satisfação sexual em seus parceiros e elevaram a essa dignidade diferentes partes de seus corpos; aqueles que não tentam satisfazer seus desejos sexuais com a ajuda de uma parte do corpo, mas tomam um objeto destacado do corpo [...] esses são os fetichistas; aqueles que querem o objeto sexual total, mas desejam-no marcado por um traço singular. (VALAS, 1990, p.68)

No segundo grupo, encontram-se:

As perversões cujo objetivo se limita aos atos preliminares ou preparatórios do ato de amor. São eles: [...] voyeuristas, exibicionistas; os “enigmáticos sádicos”, que buscam causar sofrimento; os “masoquistas”, que querem ser atormentados pelo objeto amado. (VALAS, 1990, p.68)

Assim, a estrutura perversa parece encontrar sua origem em torno de dois pólos: “de um lado, na angústia da castração; de outro, na mobilização de processos defensivos característicos da organização do funcionamento perverso: a fixação (e a regressão) e a denegação da realidade” (DOR, 1991, p.36).

O mecanismo de denegação refere-se ao fetichismo, onde há:

[...] recusa de reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante: a ausência do pênis da mãe – e na mulher. A estratégia de defesa instalada pela denegação da realidade está associada a um mecanismo correlato: a elaboração de uma formação substitutiva. Esta operação se desenrola em dois tempos: de uma lado, a denegação da realidade propriamente dita, isto é, a manutenção de uma atitude estritamente infantil diante da ausência de pênis feminino. Se bem que percebida pelo sujeito, esta ausência é rejeitada no intuito de neutralizar a angústia da castração. [...] a fixação da representação da mãe fálica é mais lábil e autoriza assim uma situação de compromisso. Já que a mulher na realidade não tem pênis, o fetichista vai, por outro lado, encarnar o objeto suposto faltar em outro objeto da realidade: o objeto fetiche, o qual se torna encarnação do falo. (DOR, 1991, p.37)

Entende-se que o fetiche seja “o substituto do falo imaginário, pois é essencial à função simbólica da mãe fálica na medida em que [...] ele pode desmentir, subverter a lei que significa que ela está castrada simbolicamente” (VALAS, 1990, p.98).

Em relação ao funcionamento do fetichismo, há evidência de um mecanismo psíquico único: “a coexistência de duas formações psíquicas inconciliáveis entre si: de um lado, o reconhecimento da ausência de pênis na mulher; de outro, a denegação da realidade deste reconhecimento” (DOR, 1991, p.37).

Assim, o objeto fetiche continua sendo a prova mais clara do reconhecimento permanente desta ausência, e o perverso, dessa forma, se encerra precocemente na representação de uma falta não simbolizável. (SAMICO, 2008b).

Para acrescentar minhas colocações:

De sua atitude profundamente dividida quanto à castração [...] o sujeito pode se identificar imaginariamente com a mãe, possuindo um falo oculto [...] ou então o sujeito se identifica com o falo da mãe, isto é, com a forma suposta por ele de seu ideal de eu. Esta posição intermediária é a verdadeira forma de fetichismo, onde o sujeito se oferece à mãe como falo. Eis porque a presença de seu fetiche é necessária em seu encontro com uma mulher, que se torna para ele, desde então, suportável como objeto sexual. Finalmente, ainda, o sujeito pode se identificar imaginariamente com o pai, pois é a ele que a criança atribui a castração da mãe. (VALAS, 1990, p.99-100)

A partir do que foi exposto até o momento, pode-se entender que o desafio e a transgressão constituem as únicas saídas para o desejo perverso.

Para ilustrar minha colocação,

[...] a transgressão aparece como o elemento correlato e inevitável do desafio. Não há meio mais eficaz de se assegurar da existência da lei do que o de se esforçar por transgredir as interdições e as regras que a ela se remetem simbolicamente. É no deslocamento da transgressão das interdições que o perverso encontra a sanção, ou seja, o limite referido metonimicamente à interdição do incesto. Quanto mais o perverso desafia, ou mesmo transgride a lei, mais experimenta a necessidade de se assegurar ter ela, realmente, origem na diferença dos sexos e na referência à interdição do incesto. (DOR, 1991, p.43)

Em relação ao desejo, o perverso encontra-se subtraído a este direito, permanecendo numa posição onde não cessará de procurar demonstrar eu a única lei do desejo é a sua e não a do outro. (DOR, 1991)

E é fundamental considerar que, no caso das perversões, a significação da lei é mantida, já que:

[...] a criança não é submetida a uma lei materna do desejo que não seria referendada como lei do pai [...] a criança permanece certamente confrontada com uma significação do desejo que é referendada em NdP. Isto não quer dizer que esta significação do desejo submetido à lei do desejo do outro não seja essencialmente significada do lado paterno. (DOR, 1991, p.52)

Então, a relação do perverso com a lei do pai, se manifesta por um modo de relação específica com a mãe e com todas as mulheres, onde “a mulher desejável e desejante constitui-se assim como um objeto a se evitar de modo absoluto se se quer evitar a perdição, fundamentalmente portanto, a perda e a falta.” (DOR, 1991, p.54)

Articulando as idéias de Freud e Lacan sobre o contexto da perversão, pode-se chegar à consideração de que este, acrescenta aos conceitos daquele, a questão da lingüística, mas ambos confirmam a questão de que a perversão esteja localizada na constituição normal do sujeito.

Assim, após essas colocações, não há como deixar de considerar a questão analítica da clínica da perversão, tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO V

POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO ANALÍTICA

Anteriormente ao desenvolvimento do assunto proposto para o presente capítulo, é importante enfatizar que, independente da estrutura clínica, o setting analítico é o lugar do acolhimento, sendo enfatizada a questão da escuta do sujeito.

Na prática clínica, é habitual procurar estabelecer correlações entre a especificidade dos sintomas e a identificação de diagnóstico. Essas correlações supõem a presença de procedimentos intrapsíquicos e intersubjetivos, dependentes da dinâmica do inconsciente. (DOR, 1991) Dessa forma,

As referências diagnósticas estruturais advêm, então, num só registro. Não constituem, todavia, elementos confiáveis nesta avaliação diagnóstica, senão à condição de se os poder desligar da identificação dos sintomas. A identidade de um sintoma nunca é senão um artefato a ser colocado por conta dos efeitos do inconsciente. A investigação diagnóstica precisa, então, se prolongar aquém do sintoma, isto é, num espaço intersubjetivo. (DOR, 1991, p.21)

Este espaço intersubjetivo é o ordenado pela articulação da palavra, e é no dizer que se manifestam as referências diagnósticas estruturais, onde há expressão de desejo. (DOR, 1991) Nessas condições,

[...] podemos compreender que a natureza do sintoma tem sempre apenas um valor significativo tão aleatório quanto imprevisível. Enquanto formação do inconsciente, o sintoma se constitui, com efeito, por sucessivas estratificações significantes [...] Os componentes significantes constitutivos no sintoma mantêm-se, então, diretamente tributários das “fantasias” do inconsciente. Ao lado, todavia, da indeterminação relativa da escolha dos significantes que intervêm nesta formação do inconsciente, existe uma determinação incontornável: trata-se de uma determinação cuja intendência do material significante se efetua apesar do sujeito. Essa intendência é caracterizada do funcionamento da estrutura, ou seja, de um certo modo de gestão do desejo. A avaliação diagnóstica deve, pois, permanecer ligada à referenciação desta intendência, única e pôr em jogo traços notáveis e estáveis. (DOR, 1991, p. 22-23)

Em relação à possibilidade analítica, sabe-se que, apesar da possibilidade de manobras defensivas da recusa produzirem um triunfo sobre a castração, há indícios de que a angústia não pode ser neutralizada de forma total, pois se a castração é recusada, é porque ela foi inscrita e reconhecida. Portanto, a defesa contra a castração está sujeita a fracassar, ficando o caminho livre para que surja a angústia (SAMICO, 2008b).

A aposta na falha deste arranjo defensivo contra a angústia faz crer que a clínica da perversão não se reduz a impasses. Assim, há grandes empecilhos ao trabalho psicanalítico, pois a tolerância a certa dose de angústia é necessária para o trabalho de elaboração, e esta tolerância pode se mostrar muito reduzida no sujeito perverso, diante de suas articulações psíquicas (SAMICO, 2008b).

Dessa forma, o manejo da transferência é extremamente delicado pois é fácil cair nos extremos: numa posição moralizante por um lado, e numa perversa por outro. A vontade de gozo perversa envolverá o analista, assim que se dê o deslocamento da libido que caracteriza o estabelecimento da transferência. Para delegar ao analista a angústia de castração, o discurso perverso poderá buscar acirrar sua divisão. E isto, pode se dar, algumas vezes, de forma angustiante para o analista (SAMICO, 2008a).

O discurso perverso invoca cumplicidade quanto à sua insubmissão à castração, o que não deixará de ocorrer em análise. O analista é solicitado como participante do ato perverso que se reproduz em análise, quando o analisando se oferece como “instrumento de gozo no próprio cenário analítico”. Então, o analista é retirado da posição de sujeito-suposto-saber e colocado no de sujeito-suposto-gozar. Assim, o analisando pode disputar o lugar de semblante de objeto a, posição que, no discurso analítico, é o do analista. Se o analista deve ocupar, na clínica, o lugar de causa de desejo, para fazer revelar ao analisando a sua verdade, o discurso perverso obstrui essa operação (DOR, 1991).

Por outro lado, a recusa tem como conseqüência que não se vai buscar análise com uma demanda de saber sobre o desejo. Quando o desejo está obturado pela “consistência do gozo”, graças ao “sucesso” da recusa, o que talvez a análise possa fazer é suscitar, no analisando, um estranhamento em relação ao lugar que ocupa diante do Outro, esse lugar de objeto ou de instrumento de gozo, cujo desejo é aniquilado (SAMICO, 2008a).

Além disso, é importante que o analista saiba observar as manifestações perversas, para que ele não permita ser seduzido pelo analisando, já que a sedução é uma das características do mesmo.

O importante é saber que o sujeito procurou análise porque algo o incomoda, deixando transparecer o que é da ordem do desejo, mesmo que a análise implique numa perda do gozo, pois ela permite o acesso ao saber inconsciente e quando há gozo, não há saber, já que existe um corte radical entre ambos. (JORGE, 2006).

Apesar destes obstáculos na clínica, não se deve desconsiderar o sofrimento de um sujeito condenado á repetição do sintoma. Sabe-se que ao invés de repetir, o analisando deve elaborar, e é por este caminho que o tratamento deve ser conduzido, além de se considerar que a análise visa atravessar a fantasia, e não retirar o sintoma. (NOGUEIRA, 2006).

Assim, de acordo com o que foi mencionado no primeiro capítulo do presente trabalho, o fim da análise, para o perverso, seria uma travessia de fantasia de gozo, que implica no acesso á dimensão do amor, da qual ele se defende. (JORGE, 2006).

Para clarificar minha exposição, segue uma ilustração de uma das manobras da perversão, exposta no próximo capítulo através de um caso de sadismo: o Marquês de Sade.

CAPÍTULO VI

MARQUÊS DE SADE: UM CASO DE SADISMO

Este capítulo, ilustrativo ao presente trabalho, será dedicado ao Donatien Alphonse François de Sade (Marquês de Sade), pessoa que deu origem ao termo sadismo, uma das formas de perversão.

O presente capítulo se baseia, quase por inteiro, no conteúdo da obra “A parte obscura de nós mesmos – uma história dos perversos”, de Roudinesco.

Entende-se por sadismo:

[...] a perversão sexual em que a satisfação está ligada ao sofrimento ou à humilhação infligida a outrem. A psicanálise estende a noção de sadismo para além da perversão descrita pelos sexólogos, reconhecendo-lhe numerosas manifestações mais encobertas, particularmente infantis, e fazendo dele um dos componentes fundamentais da vida pulsional. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p.465)

Na maioria das vezes, Freud reserva o termo “sadismo” para a associação da sexualidade e da violência sobre alguém. Mas o sadismo também pode ser considerado a forma de violência fora de uma satisfação sexual. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001).

Sade é considerado o mais incendiário representante do discurso perverso no Ocidente e o fundador da noção moderna de perversão. Foi exatamente no cerne do ideal libertino que ele cresceu e viu-se cercado, desde o nascimento em 1740. O marquês, considerado o príncipe dos perversos, consegue transparecer em sua obra, o princípio de uma sociedade perversa (ROUDINESCO, 2008).

[...] experimentou muito cedo o aprendizado da arrogância. Muito cedo julgou-se acima dos outros e autorizado a fazer uso deles a seu bel-prazer, a falar e agir como senhor, sem nenhuma censura de consciência ou de humanidade. Aos quatro anos, sua natureza despótica já estava formada. Os anos apenas contribuirão para consolida-la [...] Desde a infância, seus atos não traduzem senão uma trágica impotência de dizer. (LEVER *apud* ROUDINESCO, 2008, p.46)

No decorrer deste capítulo, serão demonstradas, sucintamente, algumas questões sadianas, onde se considera a liberação sexual como fundamental ao prazer e o desejo como algo que deve ser atendido.

Em relação ao ato sexual sadiano, pode-se dizer que ele não existe senão como uma combinação cuja significação excita o imaginário do homem. Ele consiste sempre em tratar o outro como objeto. “O esperma [...] fala nesse caso em lugar do sujeito [...] e o libertino, portanto, deverá procurar o último grau da luxúria nas criaturas – humanas e não-humanas – mais implausíveis” (ROUDINESCO, 2008, p.47-48)

Mas é importante lembrar que, naquela época, qualquer atitude sexual que não tivesse o fim da procriação, era considerada perversa.

Em relação às características peculiares do Marquês de Sade, considera-se:

[...] profanador da Lei, inventor de uma erótica disciplinar, senhor que desafia apenas a si próprio [...] criador de uma linguagem do êxtase textual capaz de resistir a todos os interditos, Sade é também aquele que tornou desejável o mal, desejável o gozo do mal, desejável a perversão enquanto tal. (ROUDINESCO, 2008, p.58)

Sade propõe ainda, “um modelo social fundado na generalização da perversão. Nem interdito do incesto, nem separação entre o monstruoso e o ilícito, nem delimitação entre loucura e razão, nem divisão anatômica entre homens e mulheres” (ROUDINESCO, 2008, p. 53)

O marquês pretende domesticar todas as perversões, mas não consegue, embora afirme que a natureza humana é a fonte de todos os vícios e que o homem é compelido a servi-la (ROUDINESCO, 2008).

Dessa forma:

[...] ao inventar um mondo centrado na absoluta transparência dos corpos e da psique, isto é, numa infantilização fantasística das condutas humanas, Sade propõe um modelo de laço genealógico que elimina a perversão para a melhor normatizá-la – e portanto impedi-la de desafiar a Lei. Assim, tenta – sem conseguir, uma vez que dela quer fazer a Lei – aboli-la enquanto parte obscura da existência humana. (ROUDINESCO, 2008, p.57)

A trajetória da vida de Sade é importante de ser considerada, pois não se pode desconsiderar a infância do sujeito, conforme já foi dito anteriormente e enfatizado no decorrer deste trabalho.

Quando pequeno, “Sade passou sua infância entre um pai libertino e sodomita, gostando tanto de meninas quanto de meninos, e uma mãe que o entregou bem jovem à amante de seu pai.” (ROUDINESCO, 2008, p.59)

Depois, Sade foi adotado e, aos cinco anos, não manifestava nenhum afeto, agindo de forma violenta com outras crianças com as quais convivia. Seu pai o levara a uma comunidade, onde recebeu mimos consideráveis, o que só fez aumentar sua fúria e arrogância. Em seguida, foi posto sob tutela de seu tio, também considerado um libertino, mas quando completou dez anos, resolveu ingressar em um famoso colégio dirigido por jesuítas. (ROUDINESCO, 2008)

Em relação às características perversas, pode-se observar uma inclinação irreprimível por assassinato, quando entrou para o serviço do exército real. Após este acontecimento, Sade casa-se com uma jovem e mantém um conturbado relacionamento com sua sogra. Mas o casamento não impede o marquês de vivenciar seus vícios. (ROUDINESCO, 2008)

Após ter seduzido a irmã de sua esposa, Sade é considerado incestuoso e, devido ao impacto que provocava nas pessoas, cometendo atitudes assustadoras para os demais, Sade é preso inúmeras vezes, sendo condenado por “crime, blasfêmia, sodomia e envenenamento.“ (ROUDINECO, 2008, p.62)

Obrigado a renunciar às suas passagens ao ato e a praticar um mero onanismo furioso, sofrendo de hemorróidas, de um início de obesidade e de uma progressiva vista cansada, ainda assim aproveitou-se do confinamento para conquistar, na intimidade de um violento confronto consigo mesmo, a mais elevada das liberdades, a única à qual pôde aspirar: a liberdade de dizer tudo – logo, de escrever tudo. (ROUDINESCO, 2008, p. 62)

Através de seus escritos provocantes, Sade é considerado louco e é internado em um hospício, do qual consegue sair um ano após sua internação e no momento em que sua esposa decide divorciar-se. Após o divórcio, o marquês transforma-se no amante de uma atriz, onde vivencia consideráveis mudanças em seu comportamento. (ROUDINESCO, 2008)

Momentos depois, Sade é novamente condenado á prisão, por ateísmo e moderantismo, além de ser considerado o iniciador e o propagandista de um verdadeiro culto do poder olfativo dos excrementos. (ROUDINESCO, 2008)

Contudo, Sade conseguiu, novamente, a liberdade.

[...] nenhum regime podia tolerar a presença de tal homem no seio da sociedade civil. E, como seus atos continuavam a escapar ao alcance da Lei, foi preciso detectar não somente no homem Sade, mas também em sua obra, o vício que permitisse confina-lo sob a acusação de ser louco (ROUDINESCO, 2008, p.68)

Mas, é no asilo que fica internado pelo resto da vida, no momento em que se é questionada a definição da loucura e de sua possível cura.

Intimado pelo ministro de sua área a impor uma rigorosa vigilância a Sade, concedeu a seu ilustre hóspede, ao contrário, meios de viver corretamente, de escrever e dedicar-se à sua paixão pelo teatro [...] Dessa forma, negou-se a classificar Sade na categoria dos alienados, ao mesmo tempo em que o incitava a se tornar por sua vez instigador de uma teatralização de duas próprias pulsões. (ROUDINESCO, 2008, p.70)

Essas declarações supracitadas nos levam a questionamentos:

[...] ou Sade era um alienado e devia ser tratado como os outros alienados, ou era um criminoso e devia ir para a prisão, ou não passava de um gênio do mal, autor de uma obra de uma transgressão inaudita, e era preciso deixa-lo livre para escrever e agir como lhe aprouvesse, o que era naturalmente política e moralmente impossível [...] é efetivamente porque não era nem louco, nem criminoso, nem palatável pela sociedade que Sade foi considerado um “caso” de novo gênero, isto é, um perverso – louco moral, semilouco, louco lúcido - , segundo a nova terminologia psiquiátrica. (ROUDINESCO, 2008, p.72)

É interessante pensar que, no caso de Sade, há uma genialidade e inteligência consideráveis. Se estas características são manifestadas de forma patológica para muitos, ela deve ser desconsiderada, deixando de ser admirável?

Neste questionamento, entram questões de “normalidade”, de particularidades, mas também de reconhecimento do que é notável. A resposta à pergunta supracitada é individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, percebe-se a importância da abordagem do tema proposto, visto que a psicanálise, muitas vezes, é vista de forma errônea e elitista.

Igualmente importante, o contexto de perversão sugere muitas opiniões contraditórias e infundadas, que precisam ser revistas.

Por isto, acredito que tenha demonstrado no presente trabalho, todas as questões que envolvem a clínica da perversão.

Ao se falar em perversão, é indispensável mencionar o conceito de fantasia como realidade psíquica, assim como não haveria forma de desenvolver a clínica da perversão, sem considerar as implicações fundamentais do Complexo de Édipo no processo de constituição do sujeito. Ainda fez-se necessária a descrição de algumas das peculiaridades do sujeito perverso, que envolvem o processo fetichista, muitas vezes presente na vivência do sujeito em relação à sua sexualidade.

Como forma adicional ao trabalho, pensei ser igualmente importante enfocar a questão da possibilidade analítica do perverso, já que este aspecto é interessante e pertinente à prática clínica.

Ainda assim, no desejo de demonstrar um exemplo nítido e conhecido sobre uma das formas de perversão, finalizei o presente trabalho com considerações importantes sobre as vivências de um sujeito frente à perversão, o que penso ser esclarecedor a todos os conceitos supracitados.

Certa de que o importante para a psicanálise é o sujeito do desejo, e não o enquadramento do mesmo em conceitos pré-estabelecidos, o presente trabalho explicita, com embasamento teórico, características relevantes e muitas vezes desconhecidas sobre o processo da clínica da perversão, que é sempre a partir da realidade psíquica, ou seja, da fantasia manifestada na fala do sujeito em análise. Acreditando ter deixado claro que existem julgamentos e rótulos acerca de questões complexas, como no caso da perversão, é preciso que o olhar do psicanalista seja dirigido ao inconsciente, de forma desprovida de opiniões irredutíveis ou deterministas, buscando proporcionar acolhimento e escuta a cada sujeito que se apresenta para o tratamento.

A partir do percurso teórico que fiz para produzir este trabalho e considerando o que tenho pensado sobre o tema, me sirvo da escrita de uma estudiosa da psicanálise para concluir:

Sejam sublimes quando se voltam para a arte, a criação ou a mística, sejam abjetos quando se entregam às suas pulsões assassinas, os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos. (ROUDINESCO, 2008, p.13)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRENNER, C. **Noções Básicas de Psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica**. 5ª ed. Rio de janeiro: Imago Ed., 1987.

DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Livrarias Taurus-Timbre Ed., 1991.

FERREIRA, N. **A perversão no discurso contemporâneo**. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2008.Apostila de minicurso.

FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. CD ROM.

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o Inconsciente**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

JORGE, M.A.C. A Travessia da Fantasia na Neurose e na Perversão. **Estudos de Psicanálise**, n.29, p.29-38, set/2006.

\_\_\_\_\_\_. Do amor ao gozo: uma leitura de “Bate-se numa criança”. **Revista Marraio**, n.13, p.35-54, abr/2007.

JULIEN, P. **Psicose, perversão, neurose: A leitura de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

LACAN, J. **O Seminário 3 – As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACET, C. Da foraclusão do Nome-do-Pai à foraclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, jan./jun. 2004.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NOGUEIRA, A. **Como podemos trabalhar a relação entre o sintoma e o gozo?** Juiz de Fora: III Encontro Juizforano de Psicologia, 2006. Apostila do minicurso.

ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmos – Uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAMICO, F. K. **A perversão como estrutura clínica**. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2008a. Apostila do minicurso.

\_\_\_\_\_\_. **Tópicos especiais em psicanálise**. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2008b. Apostila da disciplina.

SILVA, J. **A perversão no texto freudiano**. Vassouras: Colégio Sul Fluminense de Aplicação, 2008. Apostila do minicurso.

VALAS, P. **Freud e a perversão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.